

# A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO VER NO PORTUGUÊS DO INTERIOR PAULISTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL

Lua Camilo NOGUEIRA<sup>121</sup>

**RESUMO:** Este trabalho analisa o processo de gramaticalização (GR) do verbo “ver”, à luz dos pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante, GDF), buscando identificar os diferentes usos dessa forma verbal e verificar os níveis e as camadas de organização da GDF em que esses usos operam. Os resultados apontam para uma trajetória de GR que vai do nível Representacional (propriedade configuracional, estado-de-coisas, conteúdo proposicional) e segue para nível Interpessoal (ato discursivo, conteúdo comunicado, ilocução, etc), com mudanças que afetam tanto o estatuto semântico, pragmático e fonológico quanto o estatuto formal dessa forma verbal, que vai de lexema a operador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbo “ver”; Gramaticalização; GDF.

## 1. Introdução

Assim como se verifica em outras línguas (como inglês, francês, italiano, etc), no português os falantes empregam diferentes tipos de verbos para se referir às modalidades sensoriais, como declaram Hengeveld, Souza, Vendrame e Braga (2008). Conforme os autores, essas modalidades sensoriais podem ser assim divididas: visual (ver, olhar, enxergar); auditiva (ouvir, escutar); tátil (tocar, tatear); gustativa (experimentar, saborear); e olfativa (sentir, cheirar). Há uma tendência de esses verbos se comportarem de maneiras diferentes dependendo dos tipos de estruturas linguísticas em que aparecem e dos contextos culturais em que são usados.

No que tange ao verbo “ver”, objeto de análise deste artigo, Rost (2002, p.120) diz que tal verbo deriva do Latim “videre”, cujo sentido original era de “avistar”, “empregar vista”, “perceber pela vista”. Na

---

<sup>121</sup> UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Departamento de Estudos Linguísticos, São José do Rio Preto, SP - Brasil. Orientador: Edson Souza.

passagem do Latim para o Português contemporâneo, é empregado em sua acepção mais concreta, como “conhecer ou perceber pela visão”. Ainda segundo a autora, essa forma verbal está diretamente relacionada à percepção “físico-espacial”.

Para Rost (2002), um dos traços semânticos de “ver” é o fato de classificar-se como verbo de percepção visual, mantendo, assim, seu sentido mais concreto. No entanto, tal forma verbal comporta-se, segundo a autora, de formas distintas, por exemplo, como um marcador discursivo, assumindo, dessa maneira, traço mais abstrato, já que funciona como um operador gramatical no discurso. Tal observação nos levou a propor uma revisão teórica pautada nos usos desse verbo com base nos pressupostos teóricos da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), por acreditarmos que o modelo de organização hierárquica em níveis e camadas de complexidade linguística, que concebe a GR como um processo de expansão funcional em relação aos níveis e camadas de estruturação da GDF, é capaz de oferecer uma explicação sistematizada do processo de mudança do verbo “ver” e dos diferentes usos que essa forma verbal pode assumir no Português brasileiro do interior paulista.

## 2. Motivação para a ocorrência de GR

De acordo com a GDF (Hengeveld e Mackenzie, 2008), e outros autores, a relação entre um indivíduo e os diferentes tipos de categorias semânticas ou pragmáticas é especificada pelos verbos de percepção, e essa relação é definida como a entidade responsável pela percepção de alguma coisa. Os verbos são acionados, então, a depender da natureza daquilo que é percebido pelo falante.

Para Hopper e Traugott (1993) e Traugott (1997), a GR é definida como um processo pelo qual itens lexicais passam a exercer, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais, ou, se já são gramaticalizados, continuam a desenvolver funções ainda mais gramaticais. Esta definição está baseada em uma concepção clássica de GR, uma vez que o foco do processo de mudança linguística é o item linguístico isoladamente e não a construção como um todo. Esta

segunda definição de GR já era também reconhecida por Hopper e Traugott (1993) como possível, ao analisarem, por exemplo, a GR da construção verbal *be going to* como marcador de futuro no Inglês. A esse respeito, Bybee defendia uma ideia similar: “de fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza” (BYBEE, 2003, p.602).

A GR, segundo Hopper e Traugott (1993), constitui um processo que está no centro das discussões do Funcionalismo, justamente porque busca refletir sobre a relação entre o sistema e o funcionamento da língua, isto é, sobre a relação entre forma e função. Ao tratar dos estudos de GR no português, Neves assinala que, numa visão funcionalista, “ver a língua em seu funcionamento implica vê-la a serviço das necessidades dos usuários e, a partir daí, em constante adaptação” (NEVES, 1997, p. 117). Trata-se de uma ideia que está em plena sintonia com a proposta de estudos de GR, uma vez que é consenso entre os linguistas que os itens linguísticos sofrem mudança, de modo a suprir as necessidades comunicativas de seus usuários nas mais diferentes instâncias de interação.

De acordo com Nuyts (2000):

A função geral da língua é a comunicação, mas a comunicação é um processo altamente complexo envolvendo diferentes dimensões nos vários níveis de análise [...]. Cada uma dessas dimensões impõe seus próprios requisitos sobre a estrutura e o uso, e quase sempre eles não são mutuamente compatíveis, daí o sistema linguístico estar em constante movimentação, num processo de adaptação que nunca termina (NUYTS, 2000, p. 126 apud BUTLER, 2003, p. 14).

Dentre os postulados teóricos da GR, encontra-se a proposta de Hopper (1991). Como apontam Souza e Barreto (2016), tal proposta nega a concepção de uma gramática estável e afirmam que fenômenos gramaticais de forma geral estão envolvidos na GR, já que todos os aspectos gramaticais sofrem constantes modificações. Nesse sentido, em termos de funcionalidade, a gramática não é, simplesmente, um conjunto isolado de sentenças, mas o “‘engenho’ que permite que

a comunicação seja estabelecida entre falantes de uma língua” (SOUZA e BARRETO, 2016, p.84), o que, por sua vez, justifica as constantes mudanças nos planos fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático das línguas. Para os estudos de GR, os componentes da linguagem (pragmático, semântico, sintático) não são vistos de forma isolada, mas sim como dimensões que se inter-relacionam. O mesmo posicionamento é assumido pela GDF ao entender que a pragmática governa a semântica; a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. A relação em ‘cascata’ existente entre níveis de organização da linguagem é certamente determinada pela organização *top-down* da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 1-13) e mostra que, de alguma forma, há processos de mudança linguística que podem envolver alterações semânticas, sem envolver mudança categorial, e outros que provocam mudanças, tanto no que se refere ao sentido, quanto no que se refere à forma (categoria).

Nesse artigo, o nosso propósito é analisar o processo de GR do verbo “ver” no português brasileiro do interior paulista, à luz dos pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008; HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017), buscando identificar os diferentes usos dessa forma verbal, bem como verificar os níveis e as camadas de organização da gramática em que esses usos operam de forma a obter evidências de ordem pragmática, semântica e morfossintática que possam auxiliar na proposição de uma trajetória de GR desse verbo (incluindo as construções formadas a partir desse item verbal) em termos de mudança de conteúdo e mudança formal, tal como proposto mais recentemente em Hengeveld (2017).

### 3. O modelo hierárquico da GDF

O presente artigo utiliza como referencial teórico o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), que concebe a gramática como sendo hierarquicamente orga-

nizada em níveis e camadas de complexidade linguística: *nível interpessoal* (lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte), *nível representacional* (lida com os aspectos formais de unidades linguísticas que refletem seu papel no estabelecimento de relações com o mundo real ou imaginário que elas descrevem), *nível morfossintático* (analisa o modo como as línguas codificam morfossintaticamente as suas informações gramaticais) e o *nível fonológico* (consiste no sistema de codificação fonético-fonológico: fala e escrita; plano da expressão). De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), como afirma Souza e Barreto (2016), esses níveis são a formação do componente gramatical no qual estão ligados os componentes de expressão, contextual e conceitual.

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais de unidades linguísticas que refletem seu papel na interação falante-ouvinte. Segundo a GDF, as unidades pertencentes a esse nível são hierarquicamente organizadas em camadas, como na figura 1:

$(\Pi M_1: [$	Movimento
$(\Pi A_1: [ \text{ Ato}$	
$(\Pi F_1: \text{ ILL } (F_1): \Sigma (F_1))_{\Phi}$	Ilocução básica
$(\Pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_{\Phi}$	Falante
$(\Pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_{\Phi}$	Ouvinte
$(\Pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\Pi T_1 [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_{\Phi}$	Subato de Adscrição
$(\Pi R_1 [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_{\Phi}$	Subato de Referência
$] (C_1): \Sigma (C_1))_{\Phi}$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_{\Phi}$	Ato
$] (M_1): \Sigma (M_1))_{\Phi}$	Movimento

**Figura 1-** As camadas de organização do Nível Interpessoal

O *Movimento* (M) constitui a camada mais elevada da hierarquia e descreve o segmento inteiro de discurso, que é considerado relevante no processo de interação entre falante e ouvinte. Um Movimento é constituído de um ou mais *Atos discursivos*, ou seja, unidades linguísticas que incluem desde estruturas predicativas completas até frases nominais (holófrases), que são temporalmente ordenados e formam, juntos, o núcleo (simples ou complexo). Cada *Ato discursivo* (A)

se organiza com base em um esquema *Ilocucionário* (ILL), que contém dois *Participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o Conteúdo Comunicado (C) como seus argumentos. O *Conteúdo Comunicado* contém um número variável de *Subatos Atributivos* (A) e *Referenciais* (R), aos quais são atribuídas funções pragmáticas (Tópico, Foco, etc.).

Os *Subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser: *Atributivo* e *Referencial*. O *Subato Atributivo* ( $\Pi T_1$ ) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade, como por exemplo, *Está chovendo*, em que o falante evoca somente uma propriedade meteorológica sem fazer menção a nenhum referente; *chover* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente 'descrito'. O *Subato Referencial* ( $\Pi R_1$ ), por outro lado, ocorre quando o falante evoca um referente, como por exemplo: homem, mesa, casa, etc.

O Nível Representacional da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. É por essa razão que as categorias representacionais referem-se à designação e não à evocação (que ocorre no Nível Interpessoal). O Nível Representacional cuida apenas da semântica de uma unidade linguística. Observe a figura 2, as unidades semânticas do Nível Representacional são organizadas como:

(2) ( $\Pi p_1$ :	Conteúdo proposicional
( $\Pi ep_1$ :	Episódio
( $\Pi e_1$ :	Estado de coisas
[( $\Pi f_1$ :	Propriedade
( $\Pi f_1$ : $\blacklozenge$ (f1): [ $\sigma$ (f1) $\Phi$ ])	Propriedade lexical
( $\Pi x_1$ : $\blacklozenge$ (x1): [ $\sigma$ (x1) $\Phi$ ]) $\Phi$	Indivíduo
...	
] (f1): [ $\sigma$ (f1) $\Phi$ ])	Propriedade
(e1) $\Phi$ : [ $\sigma$ (e1) $\Phi$ ])	Estado de coisas
(ep1): [[ $\sigma$ (ep1) $\Phi$ ])	Episódio
(p1): [ $\sigma$ (p1) $\Phi$ ])	Conteúdo proposicional

**Figura 2-** As camadas de organização do Nível Representacional

Ainda acordando com Hangeveld e Mackenzie (2008), as unidades linguísticas são descritas no Nível Representacional em termos do tipo de entidade que elas designam. Para a GDF, o *Conteúdo Proposicional* (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do Nível Representacional, seguida pelo Episódio e pelas demais camadas. Organizados, assim, de forma hierárquica, os Conteúdos Proposicionais contêm *Episódios* (ep), que podem ser constituídos por um ou mais *Estado-de-coisas* (e) dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade *Temporal* (t), *Locativa* (l) e uma manutenção dos *Indivíduos* (x) envolvidos. No modelo da GDF, os eventos são caracterizados por uma ou mais *Propriedades* ( $f_1$ ), que, por sua vez, podem conter descrições de *Indivíduos* (x) e *outras propriedades* ( $f_2$ ).

Segundo os autores, é no Nível Morfossintático que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfosintaticamente. É nesse nível que se verifica o que é ou não pertinente para uma língua em termos de estratégias de codificação. No Nível Morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição morfosintática (constituintes morfológicos e sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa, a saber: *Expressões linguísticas* (Le), *Orações* (Cl), *Sintagmas* de vários tipos (Xp), e *Palavras* de vários tipos (Xw). Em concordância com eles, é possível distinguir, dentro de cada palavra, *Morfemas* de vários tipos (Xs) e *Afixos* (Aff).

Já o Nível Fonológico trata, por sua vez, tanto da representação segmental quanto da representação supra-segmental (prosódia) de um enunciado. Para Hangeveld e Mackenzie (2008), nesse nível de organização da GDF, a expressão linguística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o *Enunciado* (U), que é a camada mais alta do Nível Fonológico, a *Frase Intonacional* (IP), a *Frase Fonológica* (PP) e a *Palavra Fonológica* (PW), além das camadas denominadas *Pé* (F) e *Sílaba* (S).

#### 4. A GDF e o processo de GR

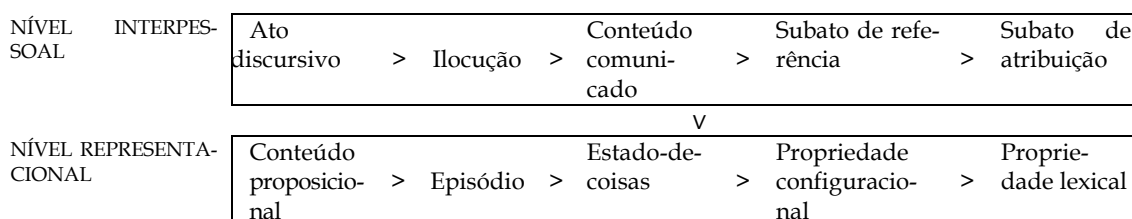
Os estudos de GR analisam os campos pragmático, semântico e

O TUTELAMENTO SOCIOPOLÍTICO NAS CARTILHAS INSTITUCIONAIS: RELAÇÕES DE PODER E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

sintático de forma relacional, como apontam Souza e Barreto (2016), ou seja, não podem ser vistos de forma isolada. E, ainda seguindo os autores, esse mesmo ponto de vista é adotado pela GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), visto que a organização *top-down* entre os níveis de análise linguística propicia um efeito de hierarquia.

A GR é descrita no modelo teórico da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) como um processo de expansão funcional de itens linguísticos entre camadas e níveis de organização hierárquica da gramática (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD, 2017), de modo que, uma vez iniciado o processo, o esperado é que o item em questão desenvolva um trajeto de mudança que vai das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Representacional, e, assim, sucessivamente, das camadas mais baixas para as camadas mais altas do Nível Interpessoal, como atestam Souza e Barreto (2016) e Souza (2016). Consoante os autores, nesse caso, o percurso inverso de mudança linguística não é aceito pela GDF, uma vez que, após alcançado um ponto específico nas camadas ou nos níveis, o item não pode se mover para camadas ou níveis mais baixos.

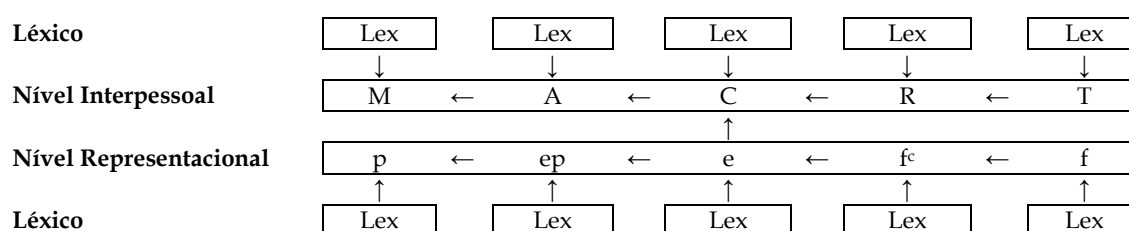
Segundo Hengeveld (2017) e Souza e Barreto (2016), na GDF os processos de GR são vistos como uma combinação de mudança formal e mudança de conteúdo, que seguem percursos previsíveis: quanto ao conteúdo, as mudanças implicam um aumento gradual e sistemático no escopo, enquanto na questão formal tais mudanças implicam uma diminuição gradual e sistemática na lexicalidade. A figura (3), abaixo, ilustra as relações hierárquicas de escopo entre camadas e níveis de organização da gramática propostas pela GDF e as direções nas quais se pode observar um aumento crescente de escopo entre camadas e níveis quanto à GR:



**Figura 3-** Relações de escopo na GDF (HENGEVELD, 2017)



Para Souza e Barreto (2016), as concepções de GR de autores como Heine *et al.* (1991), que definem a GR como um processo cognitivo, em que conceitos concretos (atividade, espaço etc.) são utilizados para explicar conceitos mais abstratos (como tempo) e Hopper e Traugott (1993), que concebem a GR como um processo crescente de pragmatização, em que a passagem de um item lexical a um item gramatical ocorre de maneira gradual e em sentido unidirecional, encontram-se, de alguma forma, refletidas no modelo de GR de Hengeveld (2017), como se vê na figura (4):



**Figura 4-** Proposta de mudança de conteúdo na GDF (HENGEVELD, 2017)

Por meio do esquema, é mostrado que as mudanças de conteúdo podem ocorrer de maneira independente, mas sempre respeitando uma trajetória que vai do léxico para a gramática ou da gramática para algo mais gramatical. Nesse caso, o ponto de corte pode ocorrer em qualquer camada de qualquer nível, mas uma vez iniciado o processo de mudança de um determinado item, não é esperado, como alega Hengeveld (2017), que ele se mova para camadas mais baixas (anteriores ao ponto de partida do processo de GR), ou seja, os itens podem se mover para cima ou permanecerem onde estão na escala de conteúdo, mas não podem se mover para camadas mais baixas na escala formal e vice-versa.

No tocante às mudanças formais, o autor prevê a seguinte trajetória: *lexema* > *operador lexical* > *operador*, que é uma forma de registrar a mudança no estatuto categorial dos itens linguísticos, que vão perdendo seus conteúdos plenos e adquirindo, ao longo do processo, traços mais abstratos/ gramaticais. Tal proposta teórica, que combina mudanças de conteúdo e mudanças formais, é adequada para expli-

car e sistematizar os diferentes usos do verbo “ver” no Português brasileiro do interior paulista.

## 5. *Corpus* de pesquisa e metodologia

A análise dos diferentes usos do verbo “ver” considerará apenas a modalidade falada do português brasileiro do interior paulista, em sua sincronia atual, que cobre o início do XXI.

Utilizamos como material de investigação (*corpus*) inquéritos do Banco de dados IBORUNA, coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que é composto por dois diferentes tipos de amostra, quais sejam: Amostra Censo Linguístico da região de São José do Rio Preto (AC), com o controle rigoroso de variáveis sociais, e Interação Dialógica (identificada como AI), que considera diferentes graus de assimetria social entre os interlocutores.

Os dados apresentados nesse artigo foram extraídos de inquéritos pertencentes às amostras do tipo AC\*. Eles representam os usos de diferentes tipos de pessoas: gêneros feminino e masculino; faixa etária de 18 a mais de 55 anos; renda familiar que varia entre 6 e mais de 25 salários mínimos. Os tipos de textos dos quais os dados foram analisados são: narrativa de experiência (NE); narrativa recontada (NR); descrição de local (DE); relato de procedimento (RP); relato de opinião (RO).

## 6. Discussão e análise preliminar dos dados

Até o momento, foram identificados no *corpus* de análise os seguintes usos do verbo “ver”, que listamos na sequência:

- (1) Inf.: ah gostava muito né? ... **via** aquele passarinzão na na/ o tal Cururu... (AC-121; NR: L. 84)
- (2) [...] cê **vê** que tá com molhinho aí... cê já escorre ele né?... (AC-122; RP: L.

---

\*Nas ocorrências são indicadas – em ordem sequencial – as seguintes informações: amostra censo (AC); o número de identificação da amostra; o tipo de texto; e o número da linha de onde a ocorrência foi extraída.

343)

(3) [...] e eu ficava em cima da carroça olhando né? então eu admirava de **vê(r)** os burros obedecê(r) meu pai... (AC-123; DE: L. 199 e 200)

(4) [...] inclusive a janela dava pa **vê(r)** a praia... (AC-037; DE: L. 92 e 93)

(5) [...] tem um amigo dele que **viu** ela com o rapa::z... (AC-036; NR: L. 169)

(6) [...] foi quando eu **vi** a/ avião pela prime(i)ra vez... (AC-051; NE: L. 8 e 9)

Em (1), (2), (3), (4), (5) e (6), o verbo “ver” é semanticamente concreto, em que algo é percebido pela visão, portanto, não é gramaticalizado. Funciona como verbo pleno, isto é, como predicador de dois lugares, estabelecendo relação entre dois termos argumentais [um indivíduo e a entidade percebida]. Em (6), por exemplo, os termos relacionados são “eu” e “avião”. Diante desse fato, é pertinente classificá-lo como pertencente à camada da propriedade configuracional da GDF do Nível Representacional, uma vez que, nesse caso, o verbo “ver” constitui uma propriedade que estabelece relação entre dois termos argumentais. Em termos de complementação, nos seis primeiros exemplos apresentados, tem-se um caso de percepção do indivíduo, categoria semântica representada pelos termos “passarin-zão”, “molhinho”, “burros”, “praia”, “ela” e “avião”, respectivamente.

Vejamos outros usos de “ver” identificados no *corpus*:

(7) [...] e ficamo(s) naquela teima naquela teima ela pegô(u) e foi... lá no pré-parto... pra **vê(r)** se minha mulher já tinha saído de lá e ela num tinha saído... (AC-131; NE: L. 24 a 26)

(8) [...] agora é época de eleição vamo(s) **vê(r)** se muda alguma coisa né?... (AC-051; RO: L. 553 e 554)

(9) [...] eu acho que hoje em dia você já **vê...** crianças... da:: fa(i)xa etária de dez ano pra frente já começa ro(u)bá::(r)... (AC-035; RO: L. 543 e 544)

(10) [...] ah po cê tê(r) uma idéia... cê **vê** quantos carro é fabricado no Brasil... (AC-121; RO: L. 257 e 258)

Já em (7), (8), (9) e (10), o verbo “ver” atua ainda como predicador, porém, nesse contexto, o verbo “ver” toma como complemento um estado-de-coisas (representado pelas orações “se minha mulher já tinha saído de lá”, “se muda alguma coisa”, “crianças [...] roubar” e “quantos carro é fabricado no Brasil” respectivamente), cuja categoria também pertence ao Nível Representacional. Nos exemplos (7) a (10) já se percebe uma expansão funcional do verbo “ver”, que é captada pela sua atuação em diferentes camadas do Nível Representacional [propriedade configuracional > estado-de-coisas]. Tal fato aponta para a inicialização da gramaticalização desse verbo, já que caminha para uma concepção menos concreta quando comparada aos seis primeiros exemplos. No exemplo (8), por exemplo, trata-se da percepção do indivíduo em relação a uma situação.

Nos exemplos (11), (12), (13) e (14), abaixo transcritos, o verbo “ver” continua sendo usado como predicador, já que passa a ser usado com o sentido de tomar consciência, avaliação (CARVALHO, 2006), mas, nestes casos, o sentido é ainda menos concreto, quer dizer que o processo de gramaticalização se evidencia cada vez mais iminente. Aqui, o verbo “ver” passa a operar na camada do conteúdo proposicional do Nível Representacional, justamente por indicar a avaliação que o falante faz acerca de uma determinada situação sobre a qual, na opinião dele, não adianta discutir ou rebater. Trata-se de um contexto em que o verbo “ver” encaixa uma oração na forma finita, que designa, pois, um conteúdo proposicional.

(11) [...] mas depois com o passá(r) dos ano... que ele foi **vendo** que... num era aquilo que... ele pensava.. (AC-132; NE: L. 24)

(12) na época que a gente tava namoran(d)o até que ela aceitava né? depois que ela::... que ela **viu** que... realmente que tava dando certo o namoro que eu iria se casá(r)... daí começô::(u) a revertê(r) toda a... situação né? (AC-133; NE: L. 31)

(13) [...] nos prime(i)ros meses depois eu **vi** que num dava certo eu já vim pra Rio Preto (AC-147; RO: L. 327)

(14) [...] aí fomo(s) pro Austa... eu **vi** que a viatura num ligava a sire::ne... tava devagar (AC-027; NE: L. 33 e 34)

Vejamos os próximos exemplos:

(15) [...] aí diz que tinha uma:: uma organização que era/ foi tirada da própria católica chamda opu/ Opus Dei... que isso tam(b)ém eu **vi** na revista *Veja* depois que ela falô(u) eu... fui lê(r) uma revista eu **vi** o mesmo assunto..(AC-026; NR: L. 93)

(16) [...] matá(r) um próprio pai... e uma mãe... como a gente **vê** ultimamente na televisão (AC-036; RO: L. 410 e 411)

(17) [...] porque o nosso sistema... social... é baseado na lei de Deus... né?... pode **vê(r)** na história do Brasil que os prime(i)ros descobridores... tinham muita preocupação em::... em::... catequizá(r) o o:: povo né? (AC-123; RO: L. 360 a 363)

Em (15), (16) e (17), o verbo “ver” toma como complemento um conteúdo comunicado, que pertence ao Nível Interpessoal da GDF. Tais complementos representam, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a informação comunicada na revista, na televisão e na história, respectivamente (fonte original da informação produzida por terceiros) é reportada pelo falante. Nesse contexto, o sentido veiculado pelo verbo “ver” é de natureza abstrata, pois já não se trata da percepção do indivíduo sobre algo, o que reforça a tese de que esse verbo está se expandindo funcionalmente na gramática do Português brasileiro do interior paulista e, desse modo, traçando uma trajetória de GR que vai do léxico para a gramática.

Os próximos exemplos representam casos em que o verbo “ver” atua como operador com função de marcador discursivo:

(18) [...] passô(u) a sofrê(r) do coraçã::o... arritmia cardí::aca... depois apareceu a Chaga no intesti::no... né?... aí então cê **vê**... foi aquele tratamen::to... mé::dico e mé::dico... parô(u) de trabalhá::(r) porque o médico proibiu... (AC-132; NE: L. 19)

(19) [...] EU gosto de São José do Rio Pre::to... cê **vê** há trinta e tantos anos né? trinta e três anos que eu mudei pra cá::... (AC-132; RO: L. 376 e 377)

(20) [...] e ainda tem os de fora também no (SUS) daqui né?... porque cê **vê**... [Doc.: sei] quantos e quantos que vem de LONge... cê vai no Hospital de Base (AC-132; RO: L. 413)

Nos exemplos (18), (19) e (20), o verbo “ver” encontra-se bastante esvaziado semanticamente, razão pela qual ele assume o estatuto categorial de operador (por ser um elemento gramatical), com função discursiva de *checking* (checagem), assim sendo, com função de checar ou chamar a atenção do interlocutor com relação ao que está sendo discutido. Trata-se, portanto, de um uso de “ver” como marcador discursivo, atuante na camada do ato discursivo, cuja função não é mais retomar o sentido original de ver algo (ou perceber algo, em um sentido mais abstrato), mas sim de checar a atenção do ouvinte, em outras palavras, perde o valor lexical e passa a ter função pragmatico-discursiva, servindo exclusivamente para a situação comunicativa. Como aponta Rost (2008), a emergência de marcadores discursivos a partir de verbos de percepção visual, associados à segunda pessoa, em enunciados de comando, é um processo comum em várias línguas, como “mira” e “¿ves?” em Espanhol (BORDERÍA, 1998 *apud* ROST, 2008), “regarde” e “vois-tu” em Francês (DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993, *apud* ROST, 2008), “guarda” em Italiano (WALTEREIT, 2002, *apud* ROST, 2008) e “olha/vê” em Português (ROST, 2002).

Ainda conforme a autora, dependendo do contexto, há casos em que o marcador discursivo pode operar na camada do movimento, articulando atos discursivos, com funções discursivas variadas, tais como a de introdutor, sequenciador e finalizador de movimento, dentre outras. O uso de “ver” em “veja bem” aponta para um caso de marcador discursivo que opera na camada do movimento, podendo, dessa forma, articular diferentes atos discursivos.

Outro uso de “ver” muito recorrente no *corpus* do português brasileiro do interior paulista, que também parece se enquadrar na função de marcador discursivo operante na camada do movimento com a função de finalizador, é o que segue abaixo:

(21) [...] tem mais gente mal educada do que educada viu? (AC-035; RO: L. 537 e 538)

(22) [...] o nosso país tá precisan(d)o de bons políticos... como antigamente  
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 475-497

teve alguns mas hoje em dia tá faltan(d)o bastante **viu?** (AC-035; RO: L. 483 a 485)

(23) [...] aqui não aqui o pessoal é mais:: ignorante nessa parte aí **viu?** (AC-028; RO: L. 161)

(24) [...] e voltan(d)o pa trás ERA o meu ninho de aconCHEgo... separei da mulher MELHOR COISA QUE TEM TAM(B)ÉM **VIU?**... (AC-027; DE: L. 85 e 86)

(25) [...] que é pra você podê(r) fazê(r) o ca(i)xa... num é o ca(i)xá dois não **viu?** é o ca(i)xa do próprio partido... (AC-027; RO: L. 179 e 180)

A função de “ver”, em (21), (22), (23), (24) e (25), é de chamar a atenção do interlocutor no sentido de verificar se ele entendeu ou não o que está sendo questionado ou discutido. Este uso também opera no Nível Interpessoal, com forte correlação com a camada da ilocução, uma vez que o seu uso altera a força ilocucionária do enunciado.

### Considerações finais

O objetivo do trabalho foi observar e analisar, de forma breve, o comportamento funcional do verbo de percepção visual “ver” em relação à sua gramaticalização na língua e as mudanças que esse fenômeno acarretaria conforme os pressupostos teóricos da GDF.

De forma resumida, em razão dos dados analisados até aqui, podemos afirmar que os usos de “ver” discutidos anteriormente apontam para a existência de uma trajetória de GR que inicia nas camadas mais baixas do nível Representacional e segue para as camadas do nível Interpessoal, desenhando, assim, um percurso que vai do Representacional para o Interpessoal, com mudanças que afetam tanto o estatuto semântico, pragmático e fonológico quanto o estatuto formal desses itens verbais, uma vez que se observa uma movimentação que vai de *lexema (item pleno de conteúdo)* > *operador lexical (itens híbridos)* > *operador (itens gramaticais/funções)*.

NOGUEIRA, L. C. A gramaticalização do verbo ver no português do interior paulista: uma análise discursivo-funcional. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 421-437, 2018.

THE GRAMMATICALIZATION OF THE VERB VER IN PAULISTA INLAND PORTUGUESE: A FUNCTIONAL DISCOURSE GRAMMAR APPROACH

**ABSTRACT:** This paper aims at analyzing the grammaticalization process of the verb “ver” in spoken Portuguese of northwest of São Paulo state from the theoretical assumptions of Functional Discourse Grammar (FDG). It intends to identify the different uses of this verb and the organization levels of FDG related to these uses. The results show that “ver” operates at the Representational level and goes to the Interpersonal level, becoming more abstract. The changes affect the semantics, pragmatics, phonological and formal aspects.

**KEYWORDS:** Verb “ver”; Grammaticalization; Functional Discourse Grammar.

**Referências bibliográficas:**

- BUTLER, C. S. Functionalist approaches to language. In \_\_\_\_\_. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories: Part 1 approaches to the simple cause: Studies in Language Companion Series*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishers, 2003. p. 1-31.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. v. 2, p. 145-167.
- CARVALHO, C. S.. *Usos de ver em sentenças complexas*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 35, p. 532-539, 2006.
- GONÇALVES, S. C. L. Banco de dados IBORUNA: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>.
- HEINE, B, CLAUDI, U, HUNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017.
- HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: B. Heine, & H. Narrog (Eds.), *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: OUP, 2011. p. 580-594.
- HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: OUP, 2008.
- HOPPER, P. On some principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Filadélfia: Benjamins, 1991. p. 17-35.
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.



- NEVES, M. H. M. A. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROST, C. A. *Os marcadores discursivos nas línguas româncias: (macro)funções textuais e interacionais*. *Interdisciplinar*. V. 6, n. 5. Jul/Dez, 2008. p. 109-130.
- ROST, C. A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- SOUZA, C. N. *Análise de usos modais do verbo dar em entrevistas no português brasileiro*. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, [s.l.], v. 45, n. 1, p.86-99, 29 nov. 2016.
- SOUZA, E. R. F. ; VENDRAME, Valéria ; HENGEVELD, K. ; BRAGA, M. L. . *Perception Verbs in Brazilian Portuguese*. *Probus (Dordrecht)* , v. prep., p. 1-30, 2008.
- SOUZA, E. R. F.; BARRETO, K. E. S. *A gramaticalização de no caso de e no caso de que no português brasileiro: um enfoque discursivo-funcional*. *Revista Guavira*. Três Lagoas, p.80 – 104, 2016.
- TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Paper from the ICHL XII, Manchester, 1997. Disponível em: <[www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf](http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf)>. Acesso em: 2 ago. 2016.